

UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA SEM DEFINIÇÃO EM UMA ESCOLA DE ENSINO REGULAR¹: DESAFIOS PARA INCLUSÃO

Yasmin de Souza Baia

Graduanda de Educação Matemática e Científica - UFPA

Thaís Priscila Santos Bahia

Graduanda de Educação Matemática e Científica - UFPA

Orientador: Maria de Fatima Vilhena da Silva

Mestra em Ciências e Doutora em Tecnologia de Alimentos

Universidade Federal do Pará – E-mail: fvilhena@ufpa.br

GT05- EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Resumo: A convivência e a aprendizagem de alunos com deficiência e necessidades especiais em salas de aula regulares tem sido a preocupação nas escolas brasileira. Para isso, os educadores vem estudando meios de realizar práticas que favoreçam a inclusão dos alunos com maior eficácia. Por outro lado, esse atendimento exige destes profissionais qualificar-se para que a aprendizagem do aluno com deficiência seja garantida. Diante disso, o objetivo deste trabalho é discutir sobre a inclusão de um aluno com dificuldade de aprendizagem, sem laudo médico, em ensino regular. O aluno pesquisado não tem o diagnóstico médico, mas a escola o caracteriza por dificuldades de aprendizagem. Ele tem 11 anos, estuda no 4º ano em uma escola pública localizada em um bairro da periferia de Belém. Para obter os dados foram utilizadas técnicas de observação. O estudo teve duração de um semestre letivo na universidade e fez parte de um projeto curricular em que os debates enfocavam a questão da educação inclusiva e deficiências de alunos. Os resultados mostraram que para se tornar efetivo a inclusão do aluno na escola, esta precisará dispor de redes de apoio que complementem o trabalho do professor, tais como, o atendimento educacional especializado (AEE), profissionais da saúde e a família. Além disso, é fundamental o preparo do professor para auxiliar no desenvolvimento de competências cognitivas do aluno, procurando não se centrar nas suas limitações, mas nas suas possibilidades.

Palavras-Chave: Dificuldades de aprendizagem. Inclusão escolar. Deficiência Intelectual.

1 Introdução

Tratar do tema deficiência de pessoas na escola tem sido uma busca incessante para proporcionar melhores condições de atendimento a alunos que chegam com ou sem diagnóstico. O grande desafio é conhecer o problema e saber que estratégias pedagógicas podem ser mais adequadas para este ou aquele aluno. Nisso, põe o professor e os demais educadores e a família em condição de equipe. Se deixar apenas por conta da escola para solucionar esses assuntos, não teremos os resultados desejados que seriam a inclusão do aluno na escola e o desenvolvimento cognitivo do mesmo, especialmente se o aluno não tem diagnóstico quanto à sua dificuldade de aprendizagem. Nessa perspectiva este

¹ Este trabalho originou-se a partir de estudos teórico-metodológicos em um Tema sobre Inclusão escolar desenvolvido com alunos de 8º semestre de Licenciatura em educação em Ciências, Matemáticas e linguagens da UFPA- Campus Belém.

Realização



AINPGP
Associação Nacional de Instituições de Pós-graduação em Psicologia

Organização:



(91) 3223-8575
fazeacontece@fazeacontece.com.br
www.fipedbrasil.com.br



trabalho propôs aos alunos de graduação, dentro de uma temática sobre inclusão, que faz parte do currículo acadêmico na formação de licenciandos, o desafio de conhecer um pouco mais a realidade escolar para com um aluno com dificuldade de aprendizagem.

Levando em conta as discussões pertinentes ao contexto escolar, o objetivo principal deste trabalho é discutir sobre inclusão de um aluno com dificuldade de aprendizagem, sem laudo médico, em ensino regular.

2 Revisão de Literatura

A história da educação ao longo dos anos abre um novo caminho para a educação inclusiva. A sociedade marginalizada, que outrora era excluída, discriminada e dizimada (CARNIO e SHIMAZAKI, 2011), tem hoje em sua organização, segundo a Constituição Brasileira em seu artigo 208, inciso III, a garantia de “[...] atendimento educacional especializado à pessoas com necessidades educativas especiais, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988, p. 3). A terceira Lei 9.394/96, atualmente em vigor, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, traz um capítulo que trata, exclusivamente, da educação especial, onde se define esse conceito e aponta-se alguns direcionamentos; e a resolução n. 02/2001 do Conselho Nacional de Educação, que prevê o atendimento dos alunos com necessidades especiais em classes comuns do ensino regular durante a educação básica.

Essas conquistas tratam de um capítulo importante na educação para as pessoas com deficiência, incitando inúmeras discussões e reflexões acerca do processo de ensino e da aprendizagem, uma vez que o ensino escolar regular mostra-se insuficiente para a sua promoção, exigindo o uso de estratégias especializadas. (SANTOS, 2012).

Na escola se a pessoa tem dificuldades de aprendizagem ela necessita de atenção especial, pois suas condições intelectuais muitas vezes são comprometidas na adaptação ao espaço escolar o qual exige um conjunto de situações próprias do ato de ensinar e outras que tornam-se complicadas para o aluno deficiente. Montessori em 1965 trouxe importante avanço para pessoas com deficiência intelectual com seus métodos de alfabetização. A partir de então, foi possível entender que tais pessoas são capazes de aprender, também. Para a autora, as pessoas com deficiência intelectual, deveriam ser trabalhadas mais em seus aspectos pedagógicos, que nos aspectos médicos.

Com essa conquista de Montessori nos espaços institucionalizados ganham-se novos avanços. Novos métodos e técnicas surgem em meio aos debates sobre a educação

Realização



Organização:





inclusiva que avançam, e que a singularidade do sujeito deficiente adquire status de responsabilidade perante a sociedade (SANTOS,2012).

Novas reflexões vem sendo também fundamentadas na questão acerca de Distúrbio de aprendizagem (DA) e Dificuldade escolar (DE). Nesse foco Ciasca (2004, p.5) considera:

A DA [é] um problema neurológico relacionado a uma falha na aquisição ou no processamento, ou ainda no armazenamento da informação, envolvendo áreas e circuitos neuronais específicos em determinado momento do desenvolvimento. E considero a DE a criança que não aprende por ter um problema pedagógico relacionado à falta de adaptação ao método de ensino, à escola, ou que tenha outros problemas de ordem acadêmica. (grifo nosso).

3 Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido com características de pesquisa narrativa, levando em conta o contexto escolar, a prática da professora, a relação do aluno pesquisado com seus colegas e o acompanhamento das atividades pedagógicas desenvolvidas.

No tema curricular sobre Compreensão e explicação dos processos de desenvolvimento e da aprendizagem III, no curso de Licenciatura integrada em educação em ciências, matemática e linguagens da Universidade federal do Pará, tivemos a oportunidade de discutir sobre inclusão escolar, deficiências e transtornos em alunos.

Assim, tivemos estudos teóricos na técnica de seminários, pesquisas na internet e práticas de observação *in loco* (na escola) durante o período de 4 de maio a 30 de agosto de 2017. A pesquisa foi realizada no 4º ano do ensino fundamental em uma escola estadual localizada em um bairro da periferia de Belém. Na turma havia 35 alunos de faixa etária entre 9 a 12 anos de idade, dentre eles, um aluno diagnosticado, pela escola, com Deficiência Intelectual (D.I.).

O aluno observado tem onze anos e aqui o chamaremos pelo nome fictício de Paulo. Apresenta distúrbios na aprendizagem e não tem diagnostico de profissionais da área médica. É um aluno muito presente às aulas e tem razoável relação com seus colegas.

4 Resultados

Durante a realização deste trabalho, Paulo, o aluno pesquisado, demonstrava vontade de aprender ao que lhe era proposto, mas algo mais lhe impedia de realizar as tarefas. A professora regente suspeitava que o aluno tivesse problemas oftalmológicos

Realização



Organização:





porque a escrita dele não condizia com o que se espera de alguém alfabetizado ou na idade em que Paulo se encontra.

A timidez estava muito presente em Paulo que se vergonhava de suas produções quando comparava o que fazia com os de seus colegas. Parecia muito marginalizado na turma pelos seus colegas, talvez por apresentar com frequência, comportamento disperso e, às vezes, agressivo. A marginalização encontra guarida quando Paulo tenta fazer algo parecido aos de seus colegas e estes o tratam como se fosse estranho àquele meio.

No geral, os alunos da turma mostravam-se carentes financeiramente e também carentes de afeto. A professora se esforçava para ganhar a confiança de todos demonstrando-lhes uma relação muito afetuosa. Mas, isso não era suficiente para Paulo que parecia ter distúrbio de aprendizagem ou dislexia. A afetividade na sala de aula é importante, porém no caso de fazer a inclusão de Paulo carece de uma atenção diferenciada para acompanhar seu desenvolvimento e proporcionar a interação social deste com a turma e consequentemente com a sociedade. Neste sentido fazemos nossas as palavras de Estill:

A escola é não só o lugar da aprendizagem acadêmica, mas também da aprendizagem de Vida. Sendo assim, deve haver lugar para todos, pois é somente através da convivência e aceitação entre as diferenças pessoais que aprenderemos a construir uma humanidade com valores de justiça e generosidade. A criança com dislexia também quer, e muito, aprender a ler como seus colegas. Ela poderá concretizar este desejo e necessidade, apesar de suas dificuldades, se encontrar acolhida e compreensão em sua vida familiar e escolar. (ESTILL, 2003/2004, p.62).

Nossa desconfiança de Paulo ser disléxico está também no fato de ele não seguir a estética do quadro, e sua escrita não ser bem desenvolvida para a idade dele. Ele apresentava reprodução própria na escrita, sem seguir o modelo do quadro; apresentava mais facilidade em reproduzir letra quando era em bastão como mostra a figura 1. Também não mostrava facilidade para falar ou se comunicar, ou conversar com as pessoas ao seu redor.

A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. (Definição adotada pela IDA – International Dyslexia Association em 2002)

Realização



Organização:



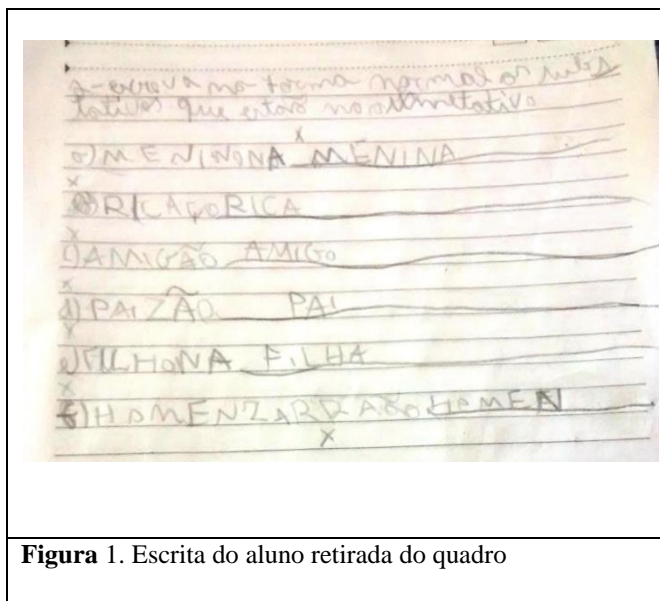


Figura 1. Escrita do aluno retirada do quadro

Na perspectiva escolar, as dificuldades de aprendizagem interferem na leitura, em cálculos matemáticos, na incapacidade de relacionamento social. As pessoas com esses problemas podem ter facilidade em algumas tarefas, mas em outras não. (CORREIA MARTINS, 2005; PONTEL, 2015).

Quanto à qualificação profissional para lidar com um aluno com necessidades especiais, a professora regente disse não ter uma formação específica para a área. Ela também assegura que não tem tempo suficiente para se dedicar somente a um aluno deficiente em sala de aula. A nosso ver, na escola podemos detectar as dificuldades de aprendizagem dos alunos, logo, é necessário estudar o problema de linguagem que se enfrenta no cotidiano da sala de aula na tentativa de alcançar níveis de competências cognitivas dos alunos.

Neste sentido conhecer a dislexia e suas características é um caminho mediador para a detecção do distúrbio da aprendizagem. Sendo assim, “Por ser uma dificuldade de aprendizagem, a mesma não pode passar despercebida no meio educacional e detectá-la o quanto antes remete a uma mudança radical na trajetória acadêmica do estudante disléxico” (FREITAS, HENRIQUE, LUCÉLIA, 2014).

5 Conclusão

Apesar de o aluno pesquisado não ter laudo médico ou psicológico, a escola dá-lhe atendimento especial na sala multifuncional. Há, porém, resistência por parte da

Realização



Organização:





família em aceitar as dificuldades do aluno em questão. Assim, a escola sente que a falta de interesse dos pais e também recusar-se a aceitar o possível diagnóstico, dificulta ainda mais o conjunto de atividades que a escola oferece e isso também interfere no desenvolvimento cognitivo do aluno.

Ao acompanhar as atividades de Paulo na sala multifuncional e na sala de aula, vimos que ele não saber ler, não consegue reproduzir bem o que lhe é solicitado, e apresenta dificuldades na interpretação de enunciados, características que nos levam a acreditar que o aluno apresenta dislexia, contudo o diagnóstico definitivo cabe a uma equipe multidisciplinar.

Tais reflexões deste trabalho se direcionam para afirmar que a inclusão deve se dar a todo e qualquer aluno, posto que todos tem o direito à educação escolar e atendimento diferenciado quando preciso for.

6 Referências

CIASCA, S. M. **Distúrbios de Aprendizagem: uma questão de nomenclatura.** Revista Dificuldades. Sinpro-Rio, 2003/2004. Disponível em: <http://www.sinpro-rio.org.br/download/revista/revistadificuldades.pdf#page=62>

CORREIA, L. M; MARTINS. A. P. **Dificuldade de aprendizagem: que são? Como entende-las?** In: Biblioteca Digital. Coleção Educação. Portugal: Porto Editora, 2005. (on line).

ESTILL, C. A. e colaboradoras. **Dislexia em Sala de Aula: o Papel Fundamental do Professor. Revista.** Revista Dificuldades. Sinpro-Rio, 2003/2004. Disponível em: <http://www.sinpro-rio.org.br/download/revista/revistadificuldades.pdf#page=62>

IDA- – International Dyslexia Association em 2002. Definição de Dislexia. Fonte: <http://www.dislexia.org.br>

FREITAS, F. M.; HENRIQUE, M. C.; LUCÉLIA, A. **Dislexia: conhecer para avaliar e intervir.** Congresso Internacional de Educação e Inclusão. Práticas pedagógicas, Direitos Humanos e Interculturalidade. 2014. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_10_11_20_14_18_57_20_idinscrito_951_d62e9a37815f78b37af7f4e279355733.pdf. Acesso: Agosto de 2017.

SANTOS, D. C. O. **Potenciais dificuldades e facilidades na educação de alunos com deficiência intelectual.** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 38, n. 04, p. 935-948, out./dez. 2012. (on line). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n4/10.pdf> Acesso: maio de 2017.

PONTEL, M. **Dificuldades de aprendizagem (DA's). Características, identificação, avaliação.** Psicologia.pt. O Portal dos Psicólogos. www.psicologia.pt 2015.

Realização



Organização:

